

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES EGRESSOS DE PROJETOS DE EXTENSÃO SOBRE A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA FURB

Marilda Angioni²
Mariana Aparecida Vicentini³

RESUMO

O projeto de pesquisa “A relação Universidade-Sociedade na Universidade Regional de Blumenau: percepção da comunidade sobre a Extensão Universitária da FURB – Universidade Regional de Blumenau” teve por objetivo conhecer a percepção da comunidade externa e de estudantes extensionistas sobre os projetos de extensão universitária em que se envolvem. Neste artigo, serão apresentados os resultados finais da pesquisa com estudantes extensionistas egressos de projetos de extensão da FURB nos anos de 2009 a 2012. Como base teórica para o desenvolvimento do projeto foram estudados autores como: Botomé (1996), Síveres (2012), Santos (1997), Rabel (2012) e Silva e Vasconcelos (2006). O instrumento de coleta de dados foi o grupo focal, do qual participaram uma bolsista da área temática saúde, uma da área temática direitos humanos e duas da área temática educação. Da análise dos dados foi possível perceber que o projeto trouxe contribuições para a vida pessoal, profissional e acadêmica dos entrevistados, que recomendam o ingresso em um projeto de extensão, pois este é capaz de ampliar e modificar a visão que se tem da universidade, da comunidade e da sociedade em geral.

Palavras-chave: Projeto. Extensão. Estudante. Extensionistas.

ABSTRACT

The research project “The University-Society relationship in the Regional University of Blumenau: community perception of the University Extension of FURB - Regional University of Blumenau” aimed to know the perception of the outside community and extension students on university extension projects they engage. In this article the authors will present the final results of the survey with students who completed and students inserted in extension programs from FURB during 2009-2012. As a theoretical basis for to the project authors as Botomé (1996), Síveres (2012), Santos (1997), Rabel (2012) and Silva; Vasconcelos (2006) were studied. The data collection method was the focus group, which participated one scholarship student of the health thematic area, two of the right humans thematic area and two of the education thematic area evolving the project. From the data analysis it was revealed that the project brought contributions to personal, professional and academic life of respondents, which recommend incorporation into an extension project, as this is able to extend and modify the vision that people have of the university, community and society in general.

Key-words: Project. Extension. Student. Extension Fellow.

²Professora Mestra em Serviço Social no Departamento de Serviço Social da Universidade Regional de Blumenau (FURB) e especialista em Extensão Universitária, marilda@furb.br

³Graduada em Letras pela Furb e Bacharel em Ciências Contábeis, marianaavicentini@hotmail.com

1 Introdução

O termo “extensão” surgiu na legislação educacional brasileira em 1931, no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras, referindo-se ao oferecimento de cursos e conferências de caráter educacional, como “organismo da vida social da Universidade”. Tornou-se obrigatória em todas as Instituições de Ensino Superior (IES) do Brasil, explicam Arroyo e Rocha (2010), apenas em 1968, no texto da Lei nº 5.540/68. De acordo com Silva e Vasconcelos (2006), a conquista da interdisciplinaridade entre ensino, pesquisa e extensão representa, hoje, um dos maiores desafios para as universidades brasileiras, pois enquanto a pesquisa e o ensino têm sido alvo de discussões que originaram elaborados sistemas de avaliação da produção científica e da qualidade dos cursos, a extensão universitária não recebeu a mesma ênfase, nem sofreu as transformações necessárias em ritmo e intensidade pertinentes para acompanhar a evolução do ensino superior.

Arroyo e Rocha (2010) ainda afirmam que, para ser compreendido com mais profundidade, o papel da extensão universitária deve ser analisado à luz do papel da universidade. Quanto a isso, considera-se importante destacar dois compromissos que se diferenciam, mas também se articulam. Por um lado, a missão e a razão de existência das universidades estão em produzir e difundir o conhecimento, com objetivos mais ambiciosos do que os propostos para os níveis fundamental e médio. Por outro lado, a missão pública da educação superior é formar cidadãos profissional e cientificamente competentes, bem como comprometidos com o desenvolvimento social do país. E, dentre os caminhos que a universidade tem para desenvolver e oferecer uma formação mais completa aos seus estudantes, através da proposição de interlocução entre os saberes e a formação crítica de novos profissionais, os programas de extensão universitária mostram-se bastante promissores, quando se desenvolvem como ações que podem transformar determinada situação social. A implementação e desenvolvimento de ações extensionistas requerem que as universidades assumam uma concepção que valorize a atuação das IES junto à comunidade local e, conseqüentemente, à sociedade como um todo.

Baseado nesses e outros conceitos será apresentado o recorte dos resultados obtidos do

projeto de pesquisa “A relação Universidade-Sociedade na Universidade Regional de Blumenau: percepção da comunidade sobre a Extensão Universitária da FURB – Universidade Regional de Blumenau”. Esta pesquisa teve por objetivo geral conhecer a percepção de estudantes extensionistas sobre os projetos de extensão universitária em que se envolvem e, por objetivos específicos: a) identificar o modo de envolvimento do estudante extensionista nos programas e projetos de extensão e; b) investigar a percepção do estudante extensionista sobre os projetos de extensão universitária em que se envolvem.

Apresentam-se como pressupostos norteadores da pesquisa: a) o projeto de extensão de que os extensionistas fizeram parte teve relação com o seu curso de graduação e correspondente área de atuação; b) a prática extensionista permitiu aos acadêmicos colocarem em prática o conteúdo teórico que aprenderam na universidade; c) as atividades de extensão trouxeram novos conhecimentos aos egressos; d) a extensão universitária trouxe contribuições para a vida pessoal e profissional dos extensionistas.

Este trabalho está estruturado em cinco seções, sendo eles a introdução, que traz o tema abordado pelo artigo, seus objetivos e pressupostos, além de uma breve contextualização que aborda as principais teorias dos autores estudados no decorrer do projeto sobre ensino, pesquisa e extensão universitária; a revisão de literatura que traz as principais teorias estudadas no decorrer do projeto; a metodologia, que explicita os métodos utilizados para a elaboração da pesquisa; a análise e discussão dos resultados obtidos durante o projeto de pesquisa; e a conclusão, que responde aos objetivos e pressupostos da pesquisa.

2 Revisão de Literatura

Para Botomé (1996) a extensão universitária, antes de extensão, é universitária e, nesse sentido, sua definição decorre da concepção e da identidade da Universidade. O que é essencial na delimitação do que é peculiar na extensão universitária depende de uma identidade bem estabelecida da instituição. Para o autor (1996, p.83), a extensão pode ser

definida como “uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico”. Nesse contexto Síveres (2012) diz que a ambiência acadêmica, por meio de todas as suas iniciativas, deveria revelar o seu caráter aprendente, o qual poderá ser desenvolvido não só pelo estudante, mas por todos aqueles que participam das atividades acadêmicas.

De acordo com Botomé (1996), entender a extensão universitária exige compreender a universidade a ser “estendida”. Para que a compreensão seja possível, é necessário que se pare de definir a Universidade pelas suas atividades e rotinas ao invés das funções dessas atividades e rotinas; caso contrário, corre-se o risco de descaracterizar a instituição e deixá-la sem sentido no contexto social em que está inserida. No caso da Universidade, sua maior responsabilidade perante a sociedade é a de produzir conhecimento e torná-lo acessível.

Santos (1997) afirma que, atualmente, são feitas à universidade exigências cada vez maiores por parte da sociedade, mas em contrapartida, as políticas de financiamento de suas atividades, por parte do Estado, estão cada vez mais restritas. Essa situação faz parecer que a universidade não está preparada para enfrentar determinados desafios, principalmente os que exigem transformações profundas. Botomé (1996) afirma que, desde o início do uso do termo “extensão”, passou a existir uma forte ligação com a ideia de relação com a sociedade e acreditava-se que as universidades deveriam vincular-se intimamente com a sociedade e contribuir para o aperfeiçoamento do meio. A reivindicação da responsabilidade social da universidade assumiu tonalidades distintas. Santos (1997) reforça o que foi dito por Botomé (1996) ao falar que para alguns, se tratava de criticar o isolamento da universidade e de colocá-la ao serviço da sociedade em geral e, para outros, se tratava de denunciar que o isolamento foi aparente e que o envolvimento que ele escondia, em favor dos interesses das classes dominantes, era social e politicamente condenável. Por outro lado, se para alguns a universidade devia se comprometer com os problemas mundiais em geral, para outros, seu compromisso deveria ser com os problemas nacionais, regionais ou locais da comunidade envolvida.

Ao considerar a extensão universitária como um dos instrumentos para realizar o compromisso social, já existe algum avanço

para uma mais apropriada localização do papel da extensão universitária. Para Botomé (1996), é através do ensino que as pessoas aprendem a utilizar o conhecimento para agir de maneiras específicas ao se depararem com determinadas circunstâncias na realidade social em que vivem. O ensino de graduação é visto como a função básica da Universidade, numa tradição de transmissão de conhecimentos alienados da realidade; é maior a preocupação com a memorização do conhecimento do que com a problematização de situações que poderiam levar ao verdadeiro aprendizado. Dessa forma, a Universidade também diminui a sua esfera de influência social pelas características artificiais e distantes da realidade social no ensino de graduação que desenvolve. Complementando a ideia de Botomé (1996), Síveres (2012) explica que a universidade não é um lugar somente de certezas, mas também da crise. Para o autor, é a partir da crise que as universidades desenvolvem seu potencial de criação, de criatividade e de compromisso, sendo, nesse sentido, positivas, pois provocam a ruptura de paradigmas e o aperfeiçoamento do conhecimento elaborado. Síveres (2012) acredita que a universidade aprendente tem a função e a necessidade de estar comprometida com o desenvolvimento da sociedade.

Em relação à pesquisa na Universidade, Botomé (1996) defende que é possível e desejável que a pesquisa na Universidade tenha características que a façam ser satisfatória. Sua localização e inserção em alguns contextos podem ser a chave para entender sua relação com a extensão universitária até o ponto de, com esse entendimento, dispensar a extensão universitária como algo fora ou diferente do próprio processo de produção de conhecimento científico. Silva e Vasconcelos (2006) complementam Botomé (1996) e Síveres (2012) afirmando que um dos maiores desafios que a Universidade Brasileira enfrenta, hoje, é o de alcançar a indissociabilidade entre o ensino a pesquisa e a extensão. Para Silva e Vasconcelos (2006) a extensão universitária não sofreu as transformações necessárias em ritmo e intensidade suficientes para acompanhar a evolução do ensino superior, ao contrário do ensino e da pesquisa.

Para Rabel (2012) a extensão integra, em sua prática, sujeitos de realidades, experiências e conhecimentos diversos. Destacam-se como sujeitos desta, acadêmicos, professores e a comunidade em geral. Para a autora, sem esses sujeitos não há como

desenvolver qualquer ação extensionista. O professor, que tem como responsabilidade a orientação do acadêmico, regulada pelo planejamento prévio das ações, as quais devem ser pensadas conjuntamente com todos os sujeitos envolvidos. O acadêmico, com o objetivo de aplicar a informação ou o conhecimento teórico, tem o papel de desenvolver as ações extensionistas. Por fim, a comunidade, que deve ser estimulada a ter uma participação ativa nas ações extensionistas.

De acordo com Rabel (2012) a universidade se faz de atores, jovens em sua maioria, se enfocados os estudantes, os quais se encontram em formação profissional e pessoal. Pautados em modelos encontrados no ambiente em que convivem ou por inovarem em sua conduta a partir de experiências que podem ocorrer na prática proporcionada pela extensão, tem-se como resultado um jovem capacitado com formação de qualidade, realizada dentro da realidade local e regional, mas não desvinculada do todo que é representado pelo cenário nacional. A autora (2012) cita que os sujeitos a serem considerados na formação profissional são os próprios acadêmicos que atuam em conjunto na extensão e na comunidade: o quanto se entende que eles podem influenciar na atuação profissional de cada um, a busca de informações e conhecimento sobre uma realidade para atuar nela e alterá-la a partir de sua intervenção”. Destaca-se que a convivência entre universitários e comunidade se faz presente no cotidiano das ações, no diálogo constante, na compreensão das dificuldades do outro, no respeito à realidade social encontrada e na interação entre os diversos sujeitos que compõem as ações extensionistas. No artigo “Os sujeitos envolvidos no fazer da extensão universitária”, Rabel (2012) afirma que o estudante, durante a extensão, passa a receber conhecimento da comunidade com a qual interage.

Almeida (2012) complementa a afirmação acima explicando que a convivência com o outro se faz importante na medida em que nos ensina a respeitar as diferenças, a entender as necessidades de pessoas que, muitas vezes, não possuem acesso aos mínimos sociais, a estabelecer o diálogo sabendo que todos nós somos importantes e que a sociedade é composta de sujeitos que possuem desejos, responsabilidades e que, portanto, devem ter também escolhas próprias. A autora cita que é importante notar que o aprendizado adquirido pelo extensionista remete à convivência com o diferente,

efetivado através do desenvolvimento de um Projeto de Extensão Universitária.

Para Síveres (2012) a sociedade pós-industrial exigirá, cada vez mais, profissionais pensantes, criativos, que gostam do que fazem, porque não o fazem de forma mecânica, sendo, portanto, mais criativos e inventivos. Para o autor, a extensão universitária é capaz de estimular esse aspecto na aprendizagem da formação profissional através da construção do conhecimento que leve à inovação em cada projeto e ação extensionista realizada.

3 Os Procedimentos da Pesquisa

A pesquisa foi aprovada pelo Parecer nº. 75/2011 do Comitê de Ética na Pesquisa em Humanos da FURB e foi realizada de 2011 a 2012, junto a bolsistas egressos de programas de extensão universitária da FURB. Buscou-se identificar como a extensão universitária é percebida pelos estudantes egressos de projetos de extensão.

A presente pesquisa pode ser classificada como qualitativa (DIAS, 2000), descritiva e explicativa (GIL, 2002; GUEDES *et al.*, 2006; BEUREN; RAUPP, 2006).

Os sujeitos foram estudantes egressos de programas de extensão do Edital PROPEX nº. 03/2008, da Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura da FURB vigente nos anos 2009 e 2010.

O universo da pesquisa é composto por cento e nove bolsistas de extensão universitária dos anos 2009 e 2010. Para a amostra, foram definidos originalmente os seguintes critérios de inclusão: 1) um estudante por área temática dos programas aprovados pelo edital suprarreferido; 2) sorteio dos participantes. A lista dos bolsistas foi fornecida pela Divisão de Apoio à Extensão, vinculada à Pró-Reitoria mencionada.

Assim, para a seleção dos sujeitos da pesquisa, realizou-se um levantamento dos bolsistas de projetos de extensão, dos anos de 2009 e 2010, por área temática, seguido de sorteio. Contudo, dos seis sorteados, nenhum teve disponibilidade para participar. Alterou-se, então, o critério de inclusão da amostra para: 1) preferencialmente um estudante por área temática dos programas aprovados; 2) acessibilidade.

Iniciou-se o contato com os demais bolsistas da época, não sorteados, dos quais sete aceitaram participar da entrevista. Contudo, no dia agendado, compareceram somente quatro extensionistas, de diferentes áreas temáticas - duas bolsistas da área da Educação, uma da área dos Direitos Humanos e uma da área da Saúde, sendo esta a amostra do estudo.

A coleta de dados se deu a partir de um grupo focal desenvolvido com os quatro bolsistas egressos dos projetos de extensão. O grupo focal, segundo Backes *et al.* (2011) representa uma técnica de coleta de dados que, a partir da interação grupal promove uma problematização sobre um tema ou foco específico onde a interação configura-se como parte integrante do método. Para o grupo focal realizado, foram utilizados um gravador e um roteiro composto por nove questões a serem discutidas. Esse roteiro foi testado em duas ocasiões com bolsistas de extensão que não integravam o universo da pesquisa e, em seguida, alterado para a aplicação ao público alvo do projeto.

Antes da realização do grupo focal, cada participante preencheu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a coleta dos dados foi efetuada a transcrição da sessão. O material foi analisado pelo método de análise de conteúdo (BARDIN, 2010), tendo por parâmetro as referências teóricas.

4 A percepção dos estudantes egressos de projetos de extensão sobre a Extensão Universitária da FURB

Esta seção se destina à apresentação e reflexão a respeito dos resultados obtidos no grupo focal, realizado com os estudantes extensionistas participantes de projetos de extensão nos anos 2009 e 2010.

- a) O ingresso em projeto de extensão se dá por convite.

Eu não decidi entrar no Arte na Escola, eu fui convidada [...]. Eu não fazia ideia da situação de bolsas [...] eu fui convidada para trabalhar e aceitei. (M.L.S.L.).

Eu também foi por convite né, de professores que trabalhavam com extensão [...]. Depois que eu vi as propostas e o que era eu aceitei, porque eu acreditava que aquilo podia contribuir para a minha formação acadêmica e também era uma oportunidade de bolsa. (M.R.M.). [sic]

[...] eu conhecia o trabalho de extensão porque eu tinha várias amigas que eram extensionistas, daí eu fui conversar com a professora Inês, ela gostou das minhas notas e perguntou se eu queria fazer extensão. Aí eu pedi a conta onde eu trabalhava [...] e me tornei extensionista. (A.C.J.).

De acordo com Síveres (2012) as práticas de extensão buscam jovens em formação profissional e pessoal e auxilia os interessados a terem uma formação de qualidade, realizada dentro da realidade local e regional, sem se desprender do cenário nacional. Para esse autor (2012), a extensão universitária ainda é vista por muitos, como um meio de auxílio às dificuldades financeiras, porém, esse fator é ultrapassado pelo número de acadêmicos que buscam conhecimento e prática profissional em um contexto real. A fala das extensionistas chama a atenção pelo fato de o convite ter sido a porta de entrada da maioria desses acadêmicos egressos em projetos de extensão. Isso nos leva a refletir sobre a possibilidade de ser elaborada uma chamada pública (edital) para a seleção de acadêmicos, de modo a despertar o interesse em participar de projetos de extensão universitária.

- b) o projeto de extensão teve ou tem relação com o curso de graduação ou área de atuação da qual os entrevistados fazem parte;

No meu caso teve relação porque era artes né, então teve muita relação voltada para a arte em geral e, de certa forma, também com relação ao trabalho é importante porque a interpretação de uma arte visual, ela interfere, ela te dá compreensão de uma interpretação musical né, então tem relação, é intrínseca. (M.L.S.L.).

Pra mim também teve tudo a ver. [...] os projetos que a gente tinha dentro da extensão são todos totalmente ligados em área. Uns eram voltados pra questão de educação básica, outros pra formação acadêmica. Então, totalmente voltados para o que eu faço hoje e com o curso que eu faço. (M.R.M.).

No meu curso, no caso, o projeto teve tudo a ver, tanto é que eu tô na área. [...] Eu sou advogada, mas algumas disciplinas não abordaram esses temas que o professor trabalhou no projeto, então acredito que foi fundamental. (A.A.V.).

c) os orientadores eram presentes e auxiliavam no planejamento das atividades de extensão;

As duas professoras eram presentes, sim [...] e me envolveram totalmente no projeto. Passei a fazer parte assim, sabe, do sistema. Girava junto, tudo muito engrenado, então elas sempre foram muito presentes em tudo ali. (M.L.S.L.).

Eu, os orientadores e os demais bolsistas estávamos sempre envolvidos. Tudo era planejado em conjunto [...]. nas reuniões, as dúvidas que a gente tinha, podia tirar. Nunca me senti sozinha. (M.R.M.).

[...] a gente tinha reuniões semanais né, e a professora era muito presente [...] e a gente tinha outros três projetos dentro do nosso projeto né. E esses projetos eram de outros professores da medicina, enfermagem e fisioterapia, que eram bem presentes também. (A.C.J.).

Para Rabel (2012) a presença do orientador é de suma importância no planejamento e/ou desenvolvimento das atividades extensionistas, pois durante o processo de extensão universitária existe uma dinâmica de ensinar e aprender entre todos os sujeitos envolvidos no projeto. Quem ensina, ensina

algo para alguém e faz uso de diversos métodos para isso; consequentemente, quem ensina, aprende ao ensinar. Quem aprende, pode fazê-lo ou pelos meios disponibilizados ou, pode buscar outros recursos e métodos. Quem aprende, ensina ao aprender.

d) a extensão foi importante, pois permitiu que os extensionistas colocassem em prática o conteúdo teórico que aprendiam na universidade e, além disso, trouxe conhecimentos extras que puderam ser aplicados em sala, melhorando o desempenho dos bolsistas;

[...] em sala de aula o conhecimento da gente está muito à frente dos outros alunos [...] então a gente percebia, em sala de aula, como fazia diferença ser extensionista, porque a gente tava muito à frente. As provas, a gente nem estudava, porque sabia já o conteúdo, porque o que a professora falava já era relacionado ao nosso trabalho. (A.C.J.).

[...] eu fiz extensão quando eu tava no primeiro semestre né, então era tudo muito novo e eu tenho certeza que eu aprendi muita coisa que eu usei em sala de aula depois e vice e versa. Como já foi dito, a questão de estar à frente né, e não ver isso como uma coisa de “somos os melhores”, mas como uma questão que contribui realmente né. Eu ficava feliz quando eu chegava na aula e tinha uma coisa difícil e pensava, “ai eu já sei isso”, “já aprendi sobre isso”. (M.R.M.).

Dentro da extensão eu tive a oportunidade de colocar em prática o que eu aprendi na teoria, então ter esses laços e a abordagem com a comunidade, de ajudar as pessoas com aquilo que eu aprendi. (A.A.V.).

As afirmações das extensionistas têm relação com o que explicam Silva; Vasconcelos (2006). Para os autores, a formação do aluno vai além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, até porque esses se dissipam quando não integrados à realidade. Para uma abordagem inovadora, a aprendizagem deve ir além da aplicação imediata, impulsionando o sujeito a criar e responder a desafios, a ser capaz de gerar tecnologias e de manter a habilidade

de aprender e recriar permanentemente. Como defende o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras - FORPROEX, na formação do profissional é imprescindível sua interação com a sociedade para situá-lo historicamente, identificá-lo culturalmente e referenciar a sua formação técnica à realidade (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012). Síveres (2012) corrobora dizendo que uma extensão aprendente possibilita aos estudantes e professores se organizarem como sujeitos de seu aprendizado, considerando a democratização e socialização do saber acadêmico, para uma troca de e participação entre as comunidades internas e externas à Universidade. A extensão aprendente é capaz de nos fazer repensar o conceito de sala de aula, fazendo-nos perceber que este não é o único local onde a aprendizagem é possível, e sim, qualquer espaço onde alunos, professores e comunidade possam interagir de forma recíproca. Para o autor (2012), a Universidade e a extensão aprendente têm a função e a necessidade de estarem comprometidas com o desenvolvimento da sociedade, buscando o pleno desenvolvimento de seus educandos, preparando-os, não apenas para a atuação profissional, mas também para que desempenhem um papel significativo para a sociedade; sujeitos que consigam relacionar e transformar a teoria e os conhecimentos adquiridos na vida acadêmica em um bem útil à comunidade.

e) participar em um projeto de extensão permitiu uma nova visão de diferentes realidades da qual os bolsistas não possuíam conhecimento antes de ingressarem no projeto;

[...] a gente teve muito contato com a população e via do que eles gostavam, o que eles entendiam daquele controle social, do que era saúde pra ele, como funcionava a saúde no município, e isso foi muito importante, porque a gente fazia seminário e iam muitas pessoas de várias classes. (A.C.J.).

No meu caso eu tive a oportunidade de conhecer pessoas de uma diferente realidade dentro do projeto que tratava do estatuto do idoso. Conheci várias pessoas idosas [...] então, outra cultura, bem diferente. Crianças

e adolescentes eu tive contato com o Petbio, que era com pessoas da Biologia [...]. (A.A.V.).

A gente também era com relação à questão das crianças mesmo, da educação básica e também com as diferentes realidades que a gente encontra dentro da universidade. Pessoas vindas de diferentes lugares, diferentes cursos até. Nesse sentido. (M.R.M.).

De acordo com Almeida (2012) a atividade de extensão Universitária atinge uma população alvo que recebe atendimentos individualmente ou em grupo. Muitos acadêmicos que participam dessas atividades relatam que a relação obtida entre bolsista e público alvo pressupõe aprendizados importantes para o crescimento profissional, permitindo que os estudantes reflitam sobre práticas de humanização, ensinando a respeitar as diferenças e a entender necessidades de pessoas que não possuem sequer o mínimo social. Síveres (2012) corrobora essa perspectiva ao afirmar que, conhecendo diferentes realidades, os extensionistas passam a formar uma consciência cidadã; compreendem os direitos como princípios universais e políticos; reconhecem o outro como sujeito; reconhecem a humanidade como expressão universal e singular e; se reconhecem como um ser social.

f) influenciou os bolsistas a trabalharem na área de abrangência do projeto;

No caso do projeto de extensão que trabalhava voltando-se pra educação eu, como professora de música, poderia ter ficado só como professora de música numa escola de música com só um instrumento, mas ali assim, abriu mais a minha mente, a minha visão e o gosto pela educação, então, eu quero ser professora de música, mas dentro da rede da educação [...]. Por isso assim pra mim [...] solidificou a vontade de trabalhar com crianças. (M.L.S.L.).

No meu caso também [...] foi pra solidificar. Eu já tinha a ideia, gostava daquilo, tava na minha cabeça, mas serviu pra confirmar e pra apontar o caminho. (M.R.M.).

No meu caso como eu tive a oportunidade de ter e de acompanhar e conhecer o lado social da [...], do Direito, então eu tive bastante vontade de tá “sic” trabalhando com a comunidade carente [...] hoje eu sou advogada, mas o meu objetivo sempre foi trabalhar com a comunidade carente, então agora eu tentei ingressar num curso pra defensora pública, porque daí você vai tá “sic” trabalhando direto, somente e exclusivamente pra comunidade carente. (A.A.V.).

Eu quando entrei no serviço social eu queria ser assistente social de empresa, que eu achava que era melhor. Daí quando fui pro serviço social no ambulatório ser extensionista, tinha o plantão social e o que me destacou entre cinco bolsistas de extensão foi que eu era a única que conseguia atender a alta complexidade, quando era os infantil “sic”, violência né, então eu me identifiquei muito com alta complexidade. Eu acho que ali eu vi o meu perfil, que eu sou muito boa na alta complexidade [...]. (A.C.J.).

Percebe-se, nos depoimentos acima, que a extensão universitária norteou as extensionistas a trilharem um novo caminho profissional. A maioria das integrantes do grupo focal citou que, antes de participar de um projeto de extensão, possuía uma opinião sobre a área de atuação que iria seguir, porém, mudaram totalmente sua opinião durante e após o projeto. Para Síveres (2012) esta é uma atitude de extrema importância, pois a sociedade de hoje exige profissionais abertos ao novo e capazes de implementar ações diferentes.

g) participar de um projeto de extensão permitiu o reconhecimento externo da extensão por parte da comunidade.

Pra mim foi um dos projetos que a gente implantou o conselho local de saúde em Gaspar, graças ao projeto né, na verdade, a gente foi lá e conseguiu implantar. Gaspar nunca tinha conseguido um conselho local pra saúde e a gente conseguindo implantar foi um marco histórico né pra cidade de Gaspar

e eu acho que esse foi o momento assim que, a gente se sentiu, vamos dizer, parte de uma história. Foi difícil porque ninguém sabia o que era um conselho local, não sabiam o que era conselho de saúde, a gente teve que ir na comunidade, foi cansativo porque a gente teve que ir várias vezes na comunidade, mas eu acho que esse foi o ponto alto da nossa intervenção toda assim, porque mostrou como é importante também uma assistente social na comunidade, esclarecer as situações. Esse era o projeto controle social né, que a gente fez aqui em Blumenau e depois foi pra Gaspar a convite da secretária de saúde de lá. (A.C.J.).

[...] eu lembro muito das questões de acompanhamento das crianças também, das questões de aprendizagem, da aplicação dos testes, dos relatórios pras escolas, que é muito bom tu ver o resultado depois. Os pais até agradecendo, “que bom que vocês ajudaram meu filho” [...]. (M.R.M.).

Para que haja um reconhecimento das ações extensionistas por parte da comunidade, Síveres (2012) defende que ela deve ser estimulada a ter uma participação ativa nas ações extensionistas. Para o autor (2012), a comunidade representa o início, o meio e o fim das ações na extensão, e novamente o ciclo se repete, em uma reorganização das ideias que procuram alcançar, cada vez mais, um grau de excelência ainda maior.

5 Considerações Finais

Este artigo buscou conhecer a percepção de estudantes egressos de projetos de extensão sobre a experiência decorrente da participação nos mesmos. A análise dos depoimentos dos participantes do grupo focal permite levantar algumas considerações.

Acredita-se que a extensão tem um papel benéfico e de importância na aprendizagem e também na formação profissional do estudante universitário, diferenciando-o dos demais estudantes que não fizeram parte de projetos de extensão. Percebe-se que as atividades extensionistas das quais os bolsistas fizeram parte eram conectadas à sua área de formação, permitindo a eles uma consolidação

da opinião e do conhecimento a respeito da área de atuação profissional que escolheriam seguir.

Os extensionistas afirmaram que, durante todo o processo de extensão, houve a relação entre teoria e prática, sendo possível aplicar os conhecimentos que obtiveram no projeto dentro da sala de aula, diferenciando-os dos demais integrantes da turma. Além disso, participar de um projeto de extensão permitiu que os bolsistas adquirissem novas habilidades e conhecimentos que trouxeram benefícios à vida pessoal e profissional, como: formação de senso crítico, novos conhecimentos em relação à área em que atuavam, permitiu uma diferente visão de diferentes situações e realidades. Os orientadores se mostraram presentes no desenvolvimento dos projetos, contribuindo em um melhor andamento dos mesmos. A extensão universitária permitiu que os acadêmicos envolvidos nos projetos tivessem uma nova visão a respeito de determinadas realidades através do trabalho com diferentes grupos sociais com os quais os bolsistas não haviam tido contato até então.

Por fim, pode-se perceber uma preocupação cada vez maior em tornar a extensão universitária parte da formação dos alunos, professores e Universidade, capaz de transformar a sociedade em que se insere não de forma individualista, mas colaborativa, onde um contribui com o outro através da troca de experiências e consciência social. Só através do compromisso com o outro seremos capazes de formar uma sociedade mais humana que se preocupa com o bem estar do próximo e a extensão é um agente que veio contribuir neste quesito.

Referências

- ALMEIDA, L. P. A extensão universitária: processo de aprendizagem do aluno na construção do fazer profissional. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **Processos de aprendizagem na extensão universitária**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.
- ARROYO, D. M. P.; ROCHA, M. S. P. de M. L. da. Meta-avaliação de uma extensão universitária: Estudo de caso. **Avaliação** (Campinas), Sorocaba , v. 15, n. 2, July 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772010000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 set.2013.
- BACKES, D. S. *et al.*. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, SP, v. 35, n. 4, 438-442, out./dez 2011. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/88/10_GrupoFocal.pdf>. Acesso em: 17 set. 2013.
- BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- BARDIN, L.. **Análise de conteúdo**. [tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro]. -4.ed. - Lisboa : Edições 70, 2010. - 281 p. :il.
- BEUREN, I. M.; RAUPP, F. M. Metodologia da Pesquisa aplicável às ciências sociais. In: Beuren, Ilse Maria (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2006.
- BOTOMÉ, S. P. **Pesquisa alienada, ensino alienante: o equívoco da extensão universitária**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- DIAS, C. A. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, PB, v. 10, n. 2, 2000, trimestral. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330/252>>. Acesso em: 10 set. 2013.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Públicas Brasileiras, 2012. Disponível em: <<http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2012.
- GUEDES, B. N.; *et. al.* Grupo focal: métodos e aplicações em pesquisas qualitativas. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**. João Pessoa, PB, v.10, n.1, p. 87-92, 2006, trimestral. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/issue/view/427>> Acesso em: 27 set. 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- RABEL, L. C.. Os sujeitos envolvidos no fazer da extensão universitária. In: SÍVERES, Luiz (Org.). **Processos de aprendizagem na extensão universitária**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1997.
- SILVA, M. S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das ciências biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. **Estudos em Avaliação Educacional**, v.17, n.33, jan./abril, 2006. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1280/1280.pdf>> Acesso em: 11 dez. 2014.
- SÍVERES, L. (Org.). **Processos de aprendizagem na extensão universitária**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2012.